



CMUHE012747

FARJALLAT, Célia Siqueira. Campinas era assim. Correio Popular, Campinas, 31 out. 1991.

Campinas era assim

CÉLIA SIQUEIRA FARJALLAT

Quando eu era menina - e faz muito, muito tempo - Campinas era provinciana, tranqüila, muito diferente da cidade de hoje. Muita coisa mudou radicalmente, o que é natural. Como exemplo: os vendedores de rua e as compras.

Vamos lá. As ruas ganhavam mais vida de manhã com o leiteiro, o padreiro, o verdureiro, o bucheiro e outros ambulantes. O leite era vendido de porta em porta. Havia cabreiros conduzindo, cabras ordenhadas à vista do freguês. Leite de vaca era comercializado de porta em porta, e as criadas quando ouviam o sininho anunciando a chegada do homem do leite, corriam à porta com leiteiras e caldeirões.

Em outros casos, o leite era entregue em garrafas arrolhadas com um *boneco* de palha de milho. Conforme registrou Barbosa Pupo, em seu pitoresco *Oito Bananas por um Tostão*, as garrafas vinham em sapicuas, acondicionadas cada qual em seu compartimento, e a entrega era feita a pé ou a cavalo. Não se falava em pasteurização. Mas havia *batismo*, e de choro apareciam, às vezes, boiando no leite, lambaris e guarus. De alta qualidade era o leite da Vila Brandina, do benemérito empresário Lafayette Álvaro de Souza Camargo.

Supermercados são novidades dos últimos tempos. Verdureiros e fruteiros vendiam seus produtos em carrocinhas puxadas a burro, e os buchei-

ros anunciavam tripas e miúdos soprando berrantes. As compras de gêneros podiam ser feitas em quitandas, pequenos armazéns e botecos.

O frangueiro era personagem importante. Carregava nas costas uma trave roliça de madeira, onde amarrava com uma embira, pelos pés, os frangos e galinhas, que assim faziam sua última viagem de cabeça para baixo. Outros frangueiros levavam frangos e patos dentro de cestas; os mais abastados já possuíam carrocinhas, onde os galináceos ficavam mais à vontade em engradados.

Tinha uma pena danada daqueles bichinhos emplumados, que de bico aberto, ofegantes, eram vendidos e logo degolados pelas cozinheiras. Data daí, provavelmente, meu horror particular à alimentação carnívora.

Acho que me tornei vegetariana de pura pena dos frangos e patos, levados da roça para os quintais da cidade e logo sacrificados. Os frangueiros também vendiam ovos, caprichosamente embrulhados em palha de milho.

Em jacás compridos vinham das fazendas, em lombo de burro ou em carrocinhas, dúzias de frangos, galinhas comuns (muitas eram carijós), e galinhas de Angola, estas pintadinhas de branco e preto. Soltas no galinheiro do quintal, ciscavam aflitas, soltando de espaço em espaço o grito agudo: "tô fraco, tô fraco"...

Hoje, muitas crianças da cidade nunca viram um frango vivo. Só conhecem o congelado, envolto em

plástico, comprado no supermercado do bairro.

O jeito de fazer compras era diferente. Madame fazia as compras, encomendando os pedidos e recebendo tudo em casa. Mas, às vezes, para certas compras, de um vestido, por exemplo, saía de casa a pé, dispensando o tilburi. Queria vestido novo para um sarau, casamento ou festa de noivado. Vamos acompanhá-la.

Muito bem-vestida, de luvas e chapéu (um chapéu medonho, por sinal, cheio de flores e de frutas, mistura infeliz de jardim e pomar). Usava botinhas de cano curto, abotoadas do lado, bico fino, um suplício infernal.

Atrás, ia a prestimosa Benedita, para carregar pacotes e acompanhar a patroa. Entravam na loja. Os caixeiros (não se usava o termo balconista) acorriam, solícitos. O dono oferecia uma cadeira, e refrescos. Começava a escolha. Madame escolhia o tecido, fazendo descer dúzias de peças das prateleiras. Não tinha pressa. Por fim, ainda indecisa, ordenava: - Me mande estas cinco peças; quero que o senhor meu marido ajude na escolha. E só quero fazenda estrangeira - Ah, mande entregar, também, amostras de renda cinza, cadarços, e três carreteis de linha preta.

Madame saía majestosamente. Benedita trotando atrás. Passavam no chapeleiro: - Chegaram os chapeuzinhos de Paris, Monsieur Jacques?

- Só no fim da semana, Madame.

Au revoir, Madame.

- *Au revoir, Monsieur...*